

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMMARIO—1859—1860—Uma questão de fôro—Um pauthou em miniatura (Henrique Dias)—Romance, O testamento do Sr. Chauvelin—O cabo transatlântico (Curiosidades dos tempos antigos e modernos)—O Templo e o cemiterio.—O collar de perolas.—Revista de theatros—Poesias, No album de minha afilhada Branca Rosa Americana, Jacques Rolla, Vem,—Mossico.

1859—1860.

Escrevo entre dois crepusculos. 1859 que agonisa, e 1860 que se levanta no horizonte.

E' a hora das despedidas solenes e das graves accusações. 1859 desce ao abysmo do passado como um ministro, entre as maldições da oposição e a indiferença dos proprios amigos. 1860 estréa no mundo, verde como a primavera, adorado como Fo, e beijado como uma primeira carta de amor.

Sigamos o exemplo universal. Demos tambem a nossa maldição ao moribundo, e enfeitemos de flores esse galhardo menino que parece um iris de melhores dias.

Até com os annos, meu Deus ! Os assyrios são a mais eloquente imagem da humanidade. Adoram as estatuas, mas quebrem-lhes o pedestal, os Hunos amanhã dormirão sobre elles.

E' indole ou destino ?

1859—foi um anno bem mau ! nasceu também entre carinhos, mas como todos os irmãos, legenerou, fez-se rabugento, ingrato, cruel, sem os perdoar um só dia, uma só hora !

Felizmente não era bissexto.

O que houve de bom nesse largo ciclo ? Faça

uma vista retrospectiva, leitor, e verá se é possível haver anno, mais indigno das nossas bençãos ?

Felizmente la vai, velho e decrepito, arrastado ao bordão da eternidade, dormir para sempre longe das nossas vistas.

Julio Cesar foi um parvo em inventar os annos ! Dividiu a eternidade em Caligulas medidos e implacaveis como um juiz de paz novo. Agradeça-lhe a humanidade a lembrança.

Esse de 1859 foi uma verdadeira calamidade em todas as partes do planeta. Na Europa assistiu frio e impassivel á celebração de um tratado de paz regado com sangue, tratado que libertando a formosa e pallida Italia, ennevoou mais e mais o horizonte do seu futuro politico e social. Na America revolveu as aguas do Prata, e preparou as probabilidades de uma rusga que não promette bom desfecho.

Maldito anno ! natureza de tigre que se manteve de sangue humano, e que se comprazeu em ver jogar as cabeçadas ; faminto como um vereador, experto e violento como um deputado da oposição, e aborrecido como um folhetim !

Não deixa saudades.

Teve farta a sinecura ; pôde ir dormir descansado. Deitou o pomo de discordia no mundo da arte, pôde carregar com os frutos da sua lembrança !

Agora novo combatente chega aos arraiaes.

E' 1860, Benjamim da eternidade, enfeitado e confeitado como um presente de festas, folgasão

como a páscoa e interessante como uma viuvez de vinte annos.

Isto sim !

Traz no céo azul esperanças de melhor viver para esta pobre humanidade. Em uma mão vê-se-lhe o escopro com que vem concluir a obra colossal do rasgamento de um isthmo, na outra a oliveira da paz.

E' um anno de mão cheia ! Advinho-lhe os dias cor de rosa, e lamento que não seja maior apesar mesmo de bissexto.

E' por isso que o saúdo cheio de unção e esperança, e comigo todos os que sentem alguma causa que os impelle para o futuro.

Ainda que irmão do outro, não lhe tem nem a indole nem a fatalidade. Este ha de dar unidade à Italia, marido ás solteiras, pastas á oposição e materia aos folhetins !

Traz a cornucopia das felicidades, merece os elogios de todos nós, de mim e dos leitores.

O céo estava eneblado ; um iris se projecta pelas sombras e abre aos olhos parte de um paraíso em que vamos entrar.

Com os leitores entra também esta querida e beijada revista, que apesar da má vontade e alguma oposição surda vai caminhando com um futuro risonho em perspectiva.

Esta oposição, esta má vontade não tolherá os passos do *Espeleho*, a continuar a animação que do nosso público tem até hoje merecido. Os aristarchos da época e os despeitados por algumas verdades que não está em nosso carácter esconder, quando se tem de tratar de qualquer dos assumplos inseridos no nosso programma, são pequenos de mais para fazerem-nos sombra.

Continue o público a prestar-nos o acolhimento que nos esforçamos sempre por merecer, que o *Espeleho* ainda terá longos dias de vida, e atravessará incolum e novo anno em que entra hoje.

Deus o fale bem.

Salve, 1860 !

Op'er.

Uma questão de fôro.

II.

Os Srs. tenente-coronel Carvalho e A. May.

Esta questão forense cuja notícia já demos no numero anterior é clara em seus termos e facil na resolução.

Trata-se de saber si um homem que na plena administracão de seus bens constituiu obrigações legaes, pôde eximir-se de cumpri-las, sob um pretexto qualquer.

Esta é a questão em toda a sua nudez.

O tenente-coronel Joaquim José de Carvalho emprestou a Luiz de Azambuja May varias quantias, que com os respectivos juros depois de algum tempo montavam a considerável im-

portancia de 22 contos. Luiz de Azambuja May no intuito de assegurar ao credor o real embolso d'aquelle somma acceptou-lhe letras a prazos diversos e ao mesmo tempo assignou perante um notario publico uma escriptura de confissão da dívida e hypotheca.

Entre a data do accepte das letras e da escriptura e o dia do vencimento decorreu um considerável lapso de tempo. Durante esse periodo nem May, nem parente seu algum, nem sua propria mulher, que posteriormente foi nomeada sua curadora, nem algum de seus protectores lembrou-se de fazer particular ou judicialmente reclamação alguma relativamente à legitimidade da dívida.

A lei protege aquelle que confessá por escripto ter recebido dinheiro que realmente não lhe foi entregue, como um remedio reconhecido — a exceção *numerariae pecuniae*.

Entretanto nem o Sr. May, nem pessoa alguma por elle lembrou-se de oppor-se à dívida alludida dentro do prazo legal.

Si a dívida era falsa, como hoje pretendem, si tinham certeza de que May não havia recebido as sominas de que fallam as letras e a escriptura porque não correriam pressurosos a empregar um remedio, que mudava de improviso a posição de Carvalho para peor, envolvendo-o na dura necessidade de provar a dívida, por outros meios que não pelas letras e escriptura, que d'esta arte perderia toda sua força ? !

Terminando o prazo do vencimento da ultima das letras, Carvalho diante da recusa do prompto pagamento teve de recorrer à juizo para tornar efectiva uma obrigação legalmente contrahida.

Uma grande surpresa, porém, lhe estava preparada. Por parte do May allegou-se como motivo relevante que elle era idiota ou sandea, e consequintemente incapaz de contrahir obrigações. Não se parou ali : foi-se adiante ; acres-

ou-se que a dívida não era real sinão phan-
ca.

ara quem conhece o Sr. May desde os seus
les annos até os dias de hoje, similhante
gação excederá tudo quanto pôde aventurar a
extraordinaria ousadia.

ste ponto da questão inspira-nos o maior
resso. Aqui a questão não é simplesmente
iectular, não envolve unicamente o interesse
partes litigantes; vai entender directamente
a moralidade do governo.

retende-se que o Sr. May é uma dessas
ituras infelizes que nunca viram despontar
seu espírito a luz da razão; affirma-se arro-
amente que o Sr. May nasceu idiota ou san-
do!

gra, o Sr. May exerceu por vinte e tantos
anos o cargo de oficial da secretaria d'estado
negocios da marinha; trabalhou mesmo no
fimite de um dos ministros que durante largo
tempo occupou a pasta daquella repartição.

Se o Sr. May é e foi sempre idiota ou sandeu,
os os homens serios devem levantar um brado
condenação aos ministros negligentes que o
mearam e conservaram por tão longo espaço
tempo em um lugar, para o qual a lei exige
ellegencia e certas habilitações litterarias.

Pois que! o Sr. May era um idiota, um san-
do, e nenhum de tanta ministros que se suc-
cederam na repartição da marinha cumprido o
u dever, demittindo-o?!

Aquelles que tiveram a feliz lembrança de
calificar ao Sr. May de idiota ou sandeu, arti-
diaram contra a maioria dos estadistas que tem-
pupo a pasta da marinha uma censura ve-
mentissima, mais iniqua do que essas com-
te os partidos politicos, em exaltação das pa-
ries, profligam seus adversarios do poder.

Sobre este ponto de vista a matéria sobe de
aportancia e pede maior desenvolvimento.

No numero seguin e continuaremos.

Um Pantheon em miniatura.

I.

Henrique Dias.

Lembrar os nomes daquelles que serviram a
altria, que lho deram sangue e vida, que a
ornaram livre e independente, e que a enché-
am de triumphos e gloria e cumprir com um
ever.

Rasgar o véo do esquecimento, recordar os
omens gloriosos de um paiz, revolver os tu-
mulos, sacudir o pó dos sepulcros para desco-
brir as coroas, as glorias da patria, é ter pa-
triotismo; e o patriotismo é uma virtude.

Mas é triste dizer que entre nós, quasi que se
não conhece essa virtude... O patriotismo é con-
siderado palavra vã; e se apparece algum
dia, brilha um só instante, como esses fogos de
cores, que depressa se apagam no ar.

Tudo cae em esquecimento, tudo se perde
entre nós, não ha reminiscencias do passado,
desprezamos tudo o que é nosso, até a nossa his-
toria...

Percorrei as provincias, as cidades, as pra-
ças, e não achareis uma lembrança, um tributo
do amor patrio, um obelisco, uma columna, onde
existia gravada no marmore ou bronze a gratidão
do paiz, por aquelles, que deram liberdade e
gloria á patria. Nem nos jazigos grava-se o nome
dos nossos heroes!

E entretanto o Sr. Varnhagem diz: «A gra-
tidão nacional pelos seus heroes é não só nobre
como civilisadora; favorecei ao menos a memo-
ria dos vossos heroes, dos vossos escriptores,
dos vossos artistas, e a nação terá artistas, terá
escriptores, e terá heroes. »

Façamos o tempo retroceder tres seculos, e
vamos lembrar o nome de um filho de nossa
patria, que foi um dos nossos primeiros heroes.

Henrique Dias era de cor negra, e natural de
Pernambuco; nenhum autor falla da idade desse
homem, nem do lugar em que nascera.

Elle aparece em 1633, á testa de 35 negros,
e offerece os seus serviços a Mathias de Albu-
querque.

O seu valor, a sua intrepidez e coragem o
fazem logo conhecido de todos os seus compa-
nhieiros d'armas, e temido dos seus inimigos.

No lugar de mais perigo, na accão a mais ar-
riscada, na empreza a mais difícil, apparece
esse homem fogoso, temerario e invencivel. Do-
gado de grande força e coragem era um bravo
como os das Thermopylas, nunca recuava. Em
diversas sortidas contra os inimigos, *mata á es-
pada, á espada* 5 adversaries.

Em 1637 distingue-se na batalha de Porto
Calvo; ali é ferido na mão esquerda, e por fazer
a cura mais breve, para continuar a bater-se
contra os estrangeiros, a mandou cortar, dizen-
do: A mão direita ainda me fica para servir a
meu Deus e ao meu rei; e para minha vingança
saberei tornar em uma mão cada um dos dedos
da que me resta. »

Era Mucio Scœvula que sacrificava-se pelo
seu paiz.

Na primeira batalha dos Guararapes dada em
19 de Abril de 1648 mostrou-se verdadeiro sol-
dado, desbaratou os inimigos e cobriu-se de
gloria.

Na segunda batalha desse nome, que teve
lugar em 19 de Fevereiro de 1649 bateu-se co-
mo um heroe, procurou os perigos, e soube ven-

cel-os todos; ainda ahí perdeu sangue pelo seu paiz, sendo pela segunda vez ferido.

Em uma outra batalha depois de ter assombrado e desbaratado o inimigo, foi ferido em uma perna.

El-Rei pelos seus serviços lhe dá o fôro de fidalgio, larga tença, posto de mestre de Campo, e o habito de Christo.

Mandado para a estancia de João Velho Barreto torna-se o terror do inimigo; cada dia faz uma sortida, cada dia conta um triumpho. Em Guarairas toma uma fortificação, em Cunhau outra. Parece o anjo da guerra perseguindo os adversarios do seu paiz.

Enviado para bater o forte do Rio Grande, construído pelos Hollandezes, avança de noite contra o inimigo, atravessando elle e os seus com agua pela cintura charcos profundos. A victoria foi dele, e o forte arrasado.

Apesar de viver entregue á guerra, não se esquecia da religião de seus pais; festeja no seu acampamento Nossa Senhora do Rosario.

Era bom christão e homem de alma bemfaseja e de coração benevolo.

Capitão destemido, tornava-se algumas vezes temerario, e era preciso a advertencia dos seus para poder contê-lo.

Por tão assignalados serviços foi feito mestre de Campo de um terço de Ordenanças de homens negros na Bahia, que jamais se extinguiria e que se appellidaria de Henrique Dias.

E o seu nome tornou-se tão popular, tão digno da veneração da patria, que foi dado a todo regimento de homens de cor negra, chamando-se esses regimentos dos Henriques, por abbreviação de Henrique Dias.

Entretanto do tão grande heroe não houve noticia depois de concluída a guerra hollandeza; não se sabe se morrerá no fim dessa guerra, ou se logo depois! E onde está o seu jasigo; qual a cidade, o rio, o monte, que lembra o seu nome; onde a estatua, a columna levantada á sua memória, onde a coroa que a patria lhe oferecêssse?

Não o sabemos.

Perguntaremos com o visconde de Almeida Garret.

*E a patria, por quem tanto hão feito
Que digno premio lhes ha dado?*

MOREIRA DE AZEVEDO.

O TESTAMENTO DO SENHOR CHAUVELIN.

ROMANCE

DE

ALEXANDRE DUMAS.

VIII.

JURAMENTO DE JOGADOR.

(Continuação)

Bonbonne começou a ler um por um todos os artigos do projecto, e o marquez que attentamente o escutava mostrava-se cada vez mais satisfeito.

— O projecto é excellente, disse elle afinal, e tanto mais que assegura á marquez trezentas mil libras annuas, isto é, o duplo do quo actualmente percebe!

— Então approva?

— Completamente.

— Neste caso vou tirar uma copia...

— Sim, uma copia, tire-a já, Bonbonne.

— Ora veja como são as cousas! gastei meia hora para lê-l-o e agora é preciso pelo menos uma para copial-o.

— Ah! Bonbonne, se soubesse como estou impaciente!... Olhe, vá ditando que eu mesmo escrevo.

— Esta é muito boa, marquez: com os olhos injectados como estão, um quarto de hora de applicação lhe faria adoecer.

— E o que hei de fazer então enquanto escreve?

— Vá passear com a Sra. marquesa, respirar o ar livre do campo.

O marquez seguiu o conselho com alguma repugnancia; e no entanto sentia-se incomodado e agitado.

— Tranquillise-se, disse-lhe Bonbonne. Receia por ventura que não lhe reste tempo para assignar? Foiunicamente uma hora que lhe pedi, e descanso, que ha de viver ainda pelo menos sessenta e um minutos.

— Tem razão, replicou o marquez descendo; tem razão.

A marquesa já o estava esperando. Vendo-o mais calmo e com a physionomia mais expansiva:

— Muito bem, disse ella, já sei que trabalhou muito.

— Oh! muito e bem: e espero que ficará tão satisfeita como os seus filhos.

— Tanto melhor: agora vamos passear, que isso lhe fará bem. Se soubesse como os criados estavam contentes quando preparavam a sua cama!

— Marquez, passarei hoje uma noite como ha dez annos não me acontece. Mas não pensemos nisto que o excesso do prazer pôde fazer-me mal.

— E julga que esse contentamento será duradouro?

— Sim, sem a menor duvida. Oh! se o rei não se lembrasse mais de mim seria uma fortuna.

— E então por que suspira quando diz isto?

— Porque gosto do rei, marquez, por que sou muito seu amigo...

Não acabou: o linir das ferraduras sobre as pedras de um cavallo que chegava a galope ferindo-lhe os ouvidos fez com que elle interrompesse o que ia dizer.

— Quem será? perguntou.

— É um correio que chega a toda pressa; será vosso?

— Não, e acho isto bem estranho! Um correio hoje, a esta hora, não pôde vir senão da parte do...

— Do rei! murmurou a marquez empallidecendo.

— Da parte do rei! exclamou o correio entrando.

Do rei!

E o Sr. de Chauvelin precipitou-se ao encontro do importuno correio que entregou-lhe uma carta.

O marquez offerceu-lhe vinho em um copo de ouro, testemunhando com esta honra o respeito que a realeza merecia,inda sendo representada na pessoa de um criado. Depois leu o que se segue e que vinha escrito pelo proprio punho do monarca.

« Meu amigo,

« Ha vinte e quatro horas que partio e já me parece que não lhe vejo a mezes. Os velhos que se estimam não devem viver distantes. Ando muito triste; necessito de sua presença, portanto venha; não mo prive de um amigo sob o pretexto de querer desfender minha coroa: é este o meio mais seguro de atacal-a. Com a sua presença ella se tornará mais firme, eu a senti mais segura que nunca. Venha.

« Se amanhã quando accordar eu lhe vir, será isto o prognostico de um dia feliz.

« Seu muito dedicado

« Luiz.»

— O rei manda-me chamar, disse o marquez commovido, e é preciso que parta imediatamente... A promtem a minha carruagem...

— Oh! exclamou a marquez; tanta pressa depois de tão doces promessas!

— Mandarei sempre noticias minhas, respondeu-lhe o marquez.

— Sr. marquez, a copia está prompta, interrompeu Bonbonne vindo com passo apressado.

— Bem, muito bem.

— Agora só falta assignal-a, e se quizer ler segunda vez...

— Não, agora não tenho tempo, fica para depois.

— Para depois! Mas lembre-se do que ha pouco dizia, Sr. marquez!

— Deixe-se estar, que ainda não me esqueci, Bonbonne.

— E como quer adiar?

— O rei não pôde esperar.

— E por isso esquece os seus filhos, esquece o futuro de sua familia?

— De nada me esqueço, Bonbonne, mas o que quer? É preciso partir e já. Meus filhos, o futuro de minha familia, pois não está tudo decidido já?

— Faltá a sua assignatura, nada mais do que a sua assignatura.

— Quer saber uma cousa, disse o marquez radiante de alegria, acho-me tão resolvido a concluir esse negocio que ainda que estivesse para morrer do outro lado do mundo (e não é perto!), havia de vir até cá para dar a minha assignatura. O que quer ainda? não está satisfeito?

E abraçando ás pressas seus filhos e sua mulher, esquecido de tudo o que não fosse o rei e a corte, correu, agil como um rapaz de vinte annos, para sua carruagem que imediatamente rodou, conduzindo-o para Paris.

(Continua.)

Curiosidades dos tempos antigos e modernos.

O cabo transatlântico.

A telegraphia elétrica submarinha data de hontem e no entanto ja invadio o mundo.

O primeiro de todos os cabos telegraphicos é o de Douvres a Calais, e começou a funcionar a 20 de Setembro de 1851. O seu comprimento é de perto de trinta kilometros e o diametro de tres centimetros.

O segundo cabo submarinho é o que une a Inglaterra á Irlanda, tendo uma de suas extremidades em Howth e a outra em Haly Head.

Desde a época da colleção d'estes dois cabos a telegraphia tem feito taes progressos que em menos de cinco annos invadio o orbe inteiro.

No Oriente os ingleses caminham pelo Medi-

terraneo e Mar Vermelho comunicando as suas possessões das Indias com a Inglaterra. No Occidente atravessam o Atlântico e ligam o fio elétrico às linhas que atravessando a America fazem comunicar a Europa com o Oceano Pacífico, unico espaço a franquear para que a terra fique completamente cercada.

O fio que deve ligar a Sicilia a Nápoles já foi colocado: a França pôz-se em contacto com a sua bella collonia algeriana através do Mediterrâneo; cabos colocados de um e outro lado do Baltico atravessando os dois Béltas e o Sund juntam a Alemanha á parte insular da Dinamarca e ao reino da península scandinava.

O mar Negro foi também datado de um cabo que pôz Sebastopol em distância de deis minutos de Varna e mesmo de Paris e Londres, apesar das oitocentas leguas que separam esta cidade das duas grandes cidades do Occidente.

Assim caminhando a telegraphia não haverá brevemente mais um canto no mundo em que a voz do homem quasi imediatamente não se faça ouvir.

Hoje o fio elétrico pode ser colocado até as sombrias profundidades do Oceano, percorrendo distâncias consideráveis.

Esta grande empreza já foi tentada.

Dois navios ingleses, o *Agamemnon* e o *Niagara* a 10 de Junho de 1855 partiram com este fim de Plymouth, levando cada um 1500 milhas de cabo e uma máquina de novo só para os faltas que houvessem.

Teve a expedição logo em princípio de lata com temporais que duraram nove dias. No dia vinte os dois navios perderam-se à vista, para só se encontrarem no nono.

A 26 a esquadra chegou ao ponto central, e logo operou-se a primeira soldadura do cabo dando-se começo à immersão, que já tendo um comprimento de duas milhas sofreu uma ruptura em consequencia de um acidente no *Niagara*.

Isto não desanimou: deu-se princípio de novo à immersão e quando caiu um dos navios já haviam percorrido quarenta milhas conhecendo-se que a corrente estava outra vez interrompida.

A immersão porém reconheceu ainda com tal prudencia que prometia assegurar o resultado. Todos lisongeavam-se já da resolução do problema; infelizmente depois de 150 milhas terem sido percorridas pelo *Niagara*, chegou como um raio a fatal notícia de que todo aquelle trabalho nenhuma vez achava-se perdido.

Aquella experiência enxara perto de 500 milhas de cabo, e poder-se-ha fazer idéa dos prejuízos pecuniários recordando que cada milha de cabo custa perto de 100 libras esterlinas

Tudo era para desesperar: a sciencia porém não é facil de vencer-se; tem fé em si, os obstaculos podem demorar a sua marcha, mas não a detêm.

Um mez não se tinha ainda passado depois destas desastrosas tentativas quando, a 25 de Agosto de 1858, uma grande noticia ecoou nas margens do Tamisa. Nas pracas, nos cafés, em toda a cidade não se ouvia sinão estas palavras: *Os signaes são perfeitos!* Era a sublime victoria alcançada pelo genie paciente do homem sobre dificuldades que ao principio pareciam invencíveis: era a realização de uma utopia. O *Agamemnon* prendia ao solo da Irlanda a extremidade do fio que o *Niagara* pela sua outra extremidade fixava em terras da America!

Vrs.

O templo e o cemiterio.

I.

A religião dos primeiros séculos, obscurecida pelo mytilo e pela superstição, é um labirinto inextrincável — cujo fio quebrando-se a cada passo abandona o observador no dedalo sombrio das profundas trevas que o envolvem.

Formando o homem, o Creador gravou em sua alma uma lei imutável e eterna — a fé. Deslumbrado ante a maravilhosa architectura do universo — contemplando o céo criado de brilhantes astros — admirando a vastidão imensa dos mares, a magestosa vegetação das florestas; aclarado sob o peso de tantos prodígios que não comprehendia, nem sabia explicar — creu de mais — idolatrhou. Era o cahos da intelligencia, a infância da humanidade. Desperso em todas as direcções da terra, segundo nos diz a Escritura, o homem prestou culto ao primeiro objecto que mais o impressionou. D'ahi o endeusamento do sol, da luna, e das estrelas, da serpente, e do oceano. D'ahi o Chaldeo, o Persa, o Arabe, o Babylonio, e o Egypcio...

Succederam-se os tempos, e os homens de mais a mais exaltados, tocaram ao mais subido grau do absurdo e do fanastismo.

Inventaram deuses ferozes aquem immolavam victimas humanas!

Quem incomprehensíveis não são os arcanos da Providencia! Criar o homem, abandonal-o a si mesmo; consentir que se desvairasse de tal sorte e vivesse por tantos seculos mergulhado na mais profunda ignorancia! Nas não; creando-o, deu-lhe a liberdade — o mais precioso, o mais subiime, e o mais doce de todos os seus prediletos.

Fel-o ignorante sim, porem intelligente; fraco porem livre; transgressor, porem crente.

II.

Approximava-se a epoca memoravel em que o Filho de Deus devia descer ao mundo, humanizar-se, e cumprir a sagrada promessa de libertar o genero humano.

Moysés, o mais sabio de todos os legisladores foi o encarregado de livrar os Israelites do jugo tyrannico dos Pharaós, e guial-o a travez dos mares e dos desertos á terra da promissão, que devia ser o berço de Homem Deus.

Revestido de um poder sobre-natural e miraculoso, o legislador hebreu deslumbrou o povo que era o chefe, já fulminando-o com o raio, já aterrando-o com o estampido horrisono das alturas do Sinai.

Era assim preciso, para extirpar do animo mobil e supersticioso desse povo as crenças erroneas bevidas na terra do exilio.

Dest'arte foi elle o verdadeiro predecessor; preparou os alicercees,—, lançou os primeiros fundamentos de uma religião benefica, sancta e immorredoura,—o Christianismo. Moyses cultivou o terreno; Jesus Christo regou-o e semeou-o. Moyses e Jesus Christo são os dois pedais, as duas columnas inabalaveis da verdadeira religião. Moyses é o Pentateuco; Jesus Christo o novo Testamento.

A arvore nascida n'este terreno cresceu, floresceu, e fructificou: seus ramos divinos se estenderão em todas as direcções e continuaráão ate que possam abrigar á sua sombra todos os membros da grande familia humana.

III.

Ao alvorecer radiante da religião symbolizada na cruz abatue-se o imperio das divindades pagãs. As aras sanguinolentas da mythologia om todo seu cortejo sinistro desabaram para sempre ante esse *fut lux* da intelligencia humana.

Em seu lugar se elevaram templos singelos, revestidos de sanctidade, onde começoou-se a sacrifícir essa por excellencia — a victima das victimas.

Alli eram sacerdotes nocturnos, que espreitavam as horas mortas da noite para penetrar-lhes o *Sanctuario*, e subtrahirem á vista de um povo credulo o sacrificio diurno.

Aqui é o ungido do Senhor que invoca em pleno dia o concurso dos verdadeiros crentes a assistir a fiel representação do sacrificio da mais pura das victimas.

Encerrar o corpo sacro-santo do cordeiro immaculado,—acolher em seu recinto sagrado os

sieis que vão tributar-lhe homenagens, e render-lhe adorações, é, julgamos nós, a unica missão do templo christão. Fazê-lo representar outro papel é desvirtuar-lhe o sim, desnaturar-lhe a instituição.

Outr'ora a mais atroz perseguição dos imperadores pagãos obrigou os martyres do christianismo a buscarem um azilo nos subterraneos de seus templos para se abrigarem, e ao mesmo tempo depositarem os restos mutilados de seus heróes, e os subtrahirem a profanação de um povo desnaturado.

*Per varios casus per tot discrimina rerum
...Sedes ubi fata quiete
O tendunt.*

Hoje porém que a verdade assumiu o seu trono, e o estandarte da cruz tremula no meio de todos os povos, convém fazer representar ao templo o papel que lhe compete, e banir dele a celebração de actos profanos, verdadeiros abusos ainda infelizmente conservados.

Todas as cousas devem ter o característico do seu destino.

O templo, por isso que é a morada de Deus na terra, deve symbolisar a grandesa, a magestade e a magnificencia. Sua forma, sua moldura, e o seu acabado devem ter um certo *que* do divino, e de santo expressivos do grande senhor quo o habita.

O recolhimento mais profundo, a veneração e o respeito devem ser inspirados por traços repassados do que se pôde imaginar de mais sublime e grandioso na terra. E' assim que o concebemos.

IV.

Symbolo do nada das cousas humanas, termo infallivel da peregrinação da vida,—traducção exacta do terrível *Memento*, é o cemiterio, ao mesmo tempo a revelação de uma grande idéa, unica consoladora, e immarcessivel, que eleva o homem á altura de um Deus. *De facto*, ide ao campo dos mortos, onde milhares de homens se confundem no pó quo os envolve e vossa alma sentirá inevitavelmente alguma cousa de inexplicável ao contemplar os infinitos mysterios que elle encerra. Vereis o sumptuoso mausoleo do potentado ao lado da mesquinha campa do desvalido; vereis a desolada viuva carpindo a eterna separação do esposo, e esparzindo sobre seu sepulchro flores tristes banhadas com as lagrimas da dor e da saudade.

Vereis a Mãe ao lado do tumulo de um filho querido—unico artimo de sua velhice.

Vereis o orphão lamentando a perda irreparrável de um pai, que o deixara reduzido á más deploravel miseria.

Vereis o amigo abraçado aos ossos myrrhados do amigo.

Vereis essa aléa sombria de cyprestos funestos —imagem das lagrimas e da saudade.

Olhai finalmente, e vereis lá no fundo a tremula e palida claridade de uma luz mortica —que allumia as faces sangrentas do Christo ! Depois —ajoelhai e orai ; porque estas coisas todas no eloquente silencio de sua mystica mudez vos dizem uma palavra de infinita significação —a immortalidade.

1855

J. B. DE SOUZA ANDRADE.

O collar de perolas.

Mersinna de Armor.

III.

Quem poderá descrever o modo porque o amor começa ? de que imagem nos deveremos servir para desenhar essa gradação quasi imperceptivel de idéas que leva um sentimento, ao principio fugitivo e erradio, a absorver todas as nossas faculdades ? Não poderemos acaso comparar todas essas infiltrações de que proveem os transbordamentos do coração com algumas gottas d'água imperceptivelmente cahindo uma á uma, e no fim de certo tempo enchendo completamente o vase ? Ou diremos que são breves minutos, que ligeiramente se escoam sem darmos por tal, até que reunindo-se todos a hora se nos revele ? Ou ainda serão esses secretos e primitivos ataques da paixão, de que só mais tarde pretendemos defender-nos, como os surdos e subterraneos passos do inimigo penetrando em uma praça forte, e só revellando a sua presença quando se reconhece vencedor ?

Não o sabemos : porém alguma cousa de idêntico passa-se no coração dos amantes, antes que tenham consciencia do que sentem, antes que sua alma sorprehendida abertamente se entregue ao seu destino.

Uma saudade, não se sabe de que, uma languida preocupação assenhoream-se do espírito ; o scismar torna-se uma necessidade ; o coração se entumescce sem motivo apparente ; o cerebro exalta-se com facilidade ; uma sombra de mulher transparece por toda parte ; o homem estremece ouvindo pronunciar-se um nome ; caminha-se por meio de ajuntamentos sem importar o que alli se passa ; indiferentemente responde-se ás perguntas dos amigos ; dorme-se e desperta-se com a mesma idéa ; e uma manhã enfin sente-se o homem possuido desta

sublime abnegação que o faz viver em outra pessoa mais do que em si mesmo, e que se chama —amor.

Isto que deixamos dito foi o que aconteceu a Meriadec desde o momento em que viu Mlle. d'Armor : cahio sob a impressão de uma mesma ideia, e debalde quiz apagar essa lembrança que constantemente e com maior força o vencia : de dia em dia a seductora imagem da nobre donzella gravava-se com raizes mais profundas no seu coração plebeo ; e elle nada podia fazer ! A philosophia achava-se derrotada ; os grandes interesses da politica haviam-se eclipsado ; os livros de direito do povo fecharam-se ; exgotaram-se os calorosos discursos ! Puffendorf e Grotius, adeus ! adeus, Plutarco e Rousseau !

Tinha-se operado uma mutação completa, sinão nas opiniões de Emmanuel, nos seus hábitos ; o alvo de todos os seus actos agora era sómente um : tornar a vér Mlle. d'Armor.

Singular capricho do amor ! Esta mulher cuja existencia alguns dias antes era ignorada, acabava de substituir em um momento todos os cálculos e recordações de sua vida inteira.

Parecia-lhe que sua existencia começava do dia em que a tinha conhecido. O tempo que precedera a esse dia não era para elle mais do que um sonho do que confusamente se recordava.

O amor é exclusivista : todos os interesses da terra se amesquinham ante elle. Os que conservam o mesmo contentamento que antes sentiam, e entregam-se da mesma forma ao trabalho e aos prazeres, dizendo-se amantes, ou enganam ou querem enganar : podem ser homens de bem, mas certamente incapazes d'essa energia das grandes paixões d'onde se derivam as dedicacões e os sacrifícios quando o sopro da adversidade toca as pessoas a quem se estima.

Na disposição de espirito em que se achava Meriadec, fugindo de seus amigos, e não tomando mais parte nas discussões publicas, todos o julgavam ocupado em algum trabalho importante sobre o melindroso estado das coisas, e respeitavam o seu silencio ; e assim evitava elle importunas questões, sempre fastidiosas para um coração verdadeiramente enamorado.

Meriadec procurava sempre os lugares onde a esperança lhe desse probabilidades de fazel-o encontrar-se com Mlle. d'Armor. Si alguma vez isto acontecia, quanto se não julgava elle feliz, por obter um seu gracioso olhar, notando a suita vermelhidão que coloria as suas lindas faces ! Entre os seus corações parecia já existir occulta intelligencia ; e quando passeando ao braço do seu irmão elle a via conversar, quantas vezes pareceu-lhe ler o seu nome nos labios, embalando-se assim no berço de todas as illusões do amor !

Sentado uma manhã, em um dos bancos do Mail, Emmanuel pensava nos meios de poder falar com a filha do conde; enquanto dava assim livre curso ás suas phantazias, via approximarse um antigo commandante de navio com quem outr'ora, quando entretinham relações elle conversava tempo esquecido, ouvindo a historia de suas campanhas sob o commando do conde de Estaing e de La-Motte-Piquet, e fazendo-lhe em troca a leitura de algumas obras escolhidas.

Esse commandante hoje acha-se cego e anda arrimado ao braço de um criado.

Meriadec já conhecia todas as aventuras do Sr. d'Estouteville, era este o seu nome: sabia que eram elles a unica causa que o interessava e por isso logo que reconheceu que vinha sentar-se junto de si, preparou-se para retirar-se assim de proseguir com liberdade nos seus pensamentos amorosos. O velho porém deteve-o, dizendo que o não incomodaria mais, por isso que já tinha substituído o seu leitor por uma amavel e interessante leitora.

Esta palavra *leitora* surpreendeu Emmanuel. Porque? por um desses presentimentos que só se podem attribuir a um ente superior que nos illumina nos principaes acontecimentos da vida

Emmanuel pedio com instancia ao velho que lhe dissesse o nome desta leitora:

— Herminia d'Armor é o seu nome, respondeu o velho. Ainda não ouvio falar no seu espirito e na sua formusura.

— Sim, do seu espirito já ouvi, e conheço a sua formusura. Mas deixe-me sentar por alguns instantes mais; ha tanto tempo que não conversamos!

— A culpa é sua, replicou o velho; gasta todo o tempo em publicar brochuras que dizem ser mui virulentas, sacrificando assim pelas suas victorias populares a ccompanhia dos amigos e quem sabe si os interesses do paiz!

O Sr. de Estouteville ignorava ainda o duello de que já demos noticia, e por isso não fallou d'elle. Por nossa parte não repetiremos tambem os conselhos que deu ao seu joven amigo, para nos ocuparmos da conversação que se seguiu habilmente conduzida por Emmanuel.

— Então conheço muito de perto o conde d'Armor?

— E' um dos meus amigos de infancia; vem a Rennes por occasião das camaras, e este anno trouxe consigo e a meu pedido Herminia, minha afilhada, a quem infelizmente já não posso ver, porque estou cego...

— E eu lamento-lhe por isso, meu amigo, porque ella é realmente bella.

Nunca vi (então podia ainda ver!)... criança mais interessante nem mais linda do que ella: era tão alva que a fizemos baptizar por

Herminia... — Conhece o symbolo que a nossa Bretanha tomou por divisa, e que acha-se representado em todos os nossos antigos brasões com esta legenda *Por toda vida*, significando que se deve preferir a morte á deshonra?

— Sem duvida é este tambem o modo de pensar de Mlle. d'Armor?

— Sim, ella nasceu na Bretanha e a sua divisa é a do nosso paiz.

(Continua.)

Revista de theatros.

SUMMARIO: — S. JANUARIO: PEDRO (estreia do Sr. Furtado :) — GYMNASIO: — Uma carta do Sr. Bitten-court da Silva.

Estamos em festas e como que os theatros se apostaram para não nos darem novidade alguma.

Não ha situação apathica no sentido absoluto da palavra; ha mesmo movimento, mas não ha noticia importante ou facto notavel.

E' verdade que no curto espaço de uma semana, uma exigencia assim é pouco justificavel; mas nestes ultimos tempos os theatros acostumaram-nos a isto; e o costume, conforme o proverbio, faz lei.

Entretanto confesso que um egoismo puramente physico, ou por outra, um instinto de conservação faz-me ver um céo cõr de rosa neste céo de cousas velhas. A estação tem sido violenta, e um calor tropical dá aos membros certa tendencia ao repouso, e transforma com facilidade um simples chronista em turco de bom gosto com visos de papa Alexandre VI.

Esta tirada equivale a dizer que me canso horrivelmente no escrever destas paginas em um tempo como este. Evidentemente se o meu folhetim nunca teve um prestimo serio, goza agora da qualidade notavel de suadouro.

Mas aceitam por acaso esta desculpa?

Acima dos furores da estação e das minhas tendencias orientaes está o dever, o implacavel dever de relatar os factos do theatro.

Vamos lá.

Atado a esta rocha fatal chamada folhetim, inerte Prometeu como sou, nem tenho ao menos um coro de Oceanidas para consolar-me no infortunio.

Tenho o theatro que me chama.

Vamos ao theatro.

No Gymnasio nada de novo se tem dado. Repetio-se ainda o *Romance de um moço pobre* que continua a ser bem recebido.

Houve em um dos dias da semana no Gymnasio um concerto instrumental dado pelos irmãos Grawenstein.

Ouve ainda uma vez o joven Carlos Schram fazer brillaturas nas suas teclas, e mais ainda um duo admiravel de harpa e contrabaixo. Este instrumento foi executado pelo Sr. Anglais.

O Sr. Anglais é um artista de merito. Entregou-se com afincô exclusivo ao estudo do seu contrabaixo, e faz verdadeiros milagres de musica com o arco. Confesso que é uma das coussas mais admiraveis que tenho visto nesse gênero.

Acabo de assistir, ha meia hora, à estréa do Sr. Furtado Coelho no theatro de S. Januario. O drama escolhido foi o *Pedro* de Mendes Leal Junior.

E' muito conhecido esse drama para que me occupe em uma narração esteril do entrecho. Casa-se perfeitamente na meu espirito a idéa vigorosa dessa bella composição. Separo-me talvez em alguns pontos na maneira de vestir o pensamento.

O que se nota sobre tudo no *Pedro* é a tendência liberal que tem tomado recentemente os vultos novos da litteratura.

O nome illustre de um conde que cahe para dar lugar ao nome do talento obscuro que se levanta, é o pensamento do drama e constitue para mim um symbolo. E' a democracia do talento que reage sobre a nebreza do brasão, um elemento poderoso que procura supplantar uma força gasta.

Com esta combinação os choques dramaticos são de completo effeito. E' assim que o illustre poeta preenche os dois fins do drama : o fim puramente da arte, e o effeito philosophico.

Os artistas encarregados do desempenho como que se sentiam vacillantes e incertos. Na

segunda representação é de suppor que estejam mais seguros de seus respectivos papeis.

O Sr. Furtado Coelho já é conhecido nesse papel, que eu considero um dos seus melhores factos no theatro. Tem a sua fibra artista mais desenvolvida nos typos de altivez, nos caracteres frisantes do orgulho intelectual. *Pedro* e *Henrique Soares* alem de outros, são por isso dois papeis felizes nas mãos do artista.

Consta-me que a Sra. Eugenia Camara está contractada nesse theatro onde deve estrear brevemente. São duas novidades que eu não conta va dar aos leitores, tão pouco esperava eu por elles.

Uma novidade ainda.

Acabo de ver uma carta dirigida pelo collaborador deste jornal, o Sr. Bittencourt da Silva, ao actor Joaquim Augusto, do Gymnasio.

E' uma bella peça escripta com precisão e clareza, e verdadeiramente inspirada pelo raro trabalho do artista que nos mostrou o octogenerio Laroque do *Romance de um moço pobre*.

Na minha revista passada falei já desse inteligente artista e da sua admiravel creaçao, e como todos os que o viram não me canso de vê-lo nem de fallar nelle.

Com a sua entrada para o Gymnasio, o Sr. Joaquim Augusto, veio mostrar-nos a transfiguração de uma voacção erradica outr'ora em um clima que lhe não convinha, e que forçosamente lhe nullificava a aptidão e a intelligencia.

Artista consciencioso, aperfeiçoado pelo estudo e pela observação, não podia viver na luz melancolica que um quadro envelhecido lhe podia dar; o romantismo não se accordava com a sua fibra dramatica; chamava-o uma outra escola, uma outra platéa.

Eu que tão crente sou nos effeitos beneficos da rampa, regosijo-me sempre que uma garantia de futuro vem assentar assim sobre o tablado.

A carta do Sr. Bittencourt da Silva é a reunião calma dos pensamentos que se agitam perdidos, cada noite, em uma platea inteira.

No álbum de minha afilhada Branca Rosa Americana.

Conto.

Uma abelha disse á rosa :
— A' rainha do vergel
A sultana da colmêa
Traz um beijo todo mel. —

— Pois acceito, disse a rosa,
O teu beijo todo mel. —
A sultana beija os scios
Da rainha do vergel.

Procurando o doce beijo,
A rainha do vergel,
Em seus scios resequidos
Não achou gota de mel !

Ai ! .. mal disso E morre á mingoa
Das doçuras do seu mel !
E a sultana da colmêa
Ria da incauta do vergel...

Innocente, não te esqueças
Da rainha do vergel :
As abelhas fazem favos
A' custa de alheio mel !

185...

BRUNO SEABRA.

Jacques Rolla.

(Fragmento de uma versão.)

Oh Christo ! não me arrastam
As supplicas ferventes
Ao templo, em passo tremulo,
Quebrando-lhe a mudez.
Oh Deus ! não sou daquelles,
Que vão ao teu calvario
Com labio arrependido
Beijar-te os rotos pés !

— Eu permaneço immobil
No portico sagrado,
Em quanto, sob as naves,
O povo teu leal
Se accurva, ciciando
Ao salmear da igreja,
Como ao roçar do norte
Cieia o canaveal.

Não creio, não, oh Christo !
No verbo teu divino :
Nasci tarde no mundo,
Que o brumo corrompeu.
O tempo nú de esp'rança
Dá séculos sem crenças ;
Septentrionaes cometas
Varreram todo o céu.

— E agora o dubio acaso
Agita na penumbra
Das illusões, que imperam,
O mundo no sterter ;
E a alma do passado,
Errando em seus destroços,
Empurra ao pégo eterno
Os anjos do Senhor !

Os cravos do teu Golgotha
Apenas se sustentam ;
De sob o teu sepulchro
O astro-rei fugio ;
Morreu-te a gloria, oh Christo !
De sobre o lenho d'ebano
O teu cadáver santo,
Desfeito em pó... caio !

— Ai ! seja permittido
Beijar-lhe as puras cinzas
Ao filho menos crento
De um seculo sem fé !
E prantear, oh Christo,
No mundo que remido
Viveu da tua morte,
E morre... e não te vê !

Rio, 1859.

ERNESTO CIRIÃO.

Vem !

(A M...)

Eu quero o teu amor.

G. de Abreco—Primavera.

E' doce no cahir da tarde amena,
Ouvir os cantos que no bosque echoam ;
E' doce ouvir as juritis que choram,
E ver as aves que no espaço voam.

E' doce ouvir o sussurrar macio,
Da brisa perfumada da mangueira :
Sentir o peito entumescer-se em goscos...
Enlevar-se na terra brasileira.

Oh! que é bem doce! Ver passar-se a vida
N'uma aurora de magica harmonia...
Aspirar os perfumes das violetas .. .
Sentir o peito cheio de poesia.. .

Mas, é mais doce ainda pela tarde
Ouvir—qual sabiás que soltam hymnos,
Tua voz—melodia dos archanjos,
Tua voz—oh! mulher, de sons divinos!...

Oh! é mais doce que essas brisas ternas
Ouvir os teus suspiros anhelantes.
Sentir nas faces, teus cabellos d'ouro...
Pensar nesses teus seios palpitantes!...

Oh! é mais doce ver teus olhos ternos
Dizer frases de amor... muitas ternuras!...
Sentir nos meus—teus labios anhelantes...
E, morrer n'um delírio de venturas!...

Oh! vem, anjo de Deus! Vem! que minha alma
E' como a flor nos planos do deserto!
Vem ser della o orvalho matutino,
E's o sonho de amor que vi de perto!

Oh! vem! minha alma agora sonha a vida...
Oh! vem! minha alma agora é toda flores...
Oh! vem! minha alma sonha sonhos d'ouro...
Vem! mulher! trazer-me os teus amores!...

Dezembre 9 de 1859.

A. CUNHA.

Mosaico.

Um desses poetas muito entusiastas com suas produções, levou a Piron um volumoso caderno de versos para que elle o examinasse, assignalando cada defeito com uma cruz. Dias depois Piron entregou-lhe o manuscrito.

— Pois que, senhor! nenhuma cruz? exclamou o poeta regosijado e satisfeito.

— Nem uma cruz, sim, respondeu o autor da *Metromania*. Queria que eu fizesse de sua obra um cemiterio;

Um fatuo apresentava em uma casa um rapaz, cuja phisionomia commum nada prevenia em seu favor. Pensando chacotear com o outro, o introductor disse ás pessoas que se levantaram para recebel-o

— Tenho a honra de apresentar lhes o Sr... que não é tão tolo como parece.

— E' verdade, minhas senhoras, respondeu logo o outro; ó esta a diferença que ha entre mim e o meu amigo.

F falla muito mal de ti, dizia alguém a um homem que sabia conhecer com quem lidava.

— Admira, respondeu este; por que nunca lhe fiz obsequio algum.

Fontenelle estava na Opera, em Paris, e tinha nessa occasião cem annos. Um inglez entra-lhe pelo camarote e diz:

— Vim de propósito de Londres para ver o autor de *Thetis e Peleu*.

— Pois, senhor, respondeu Fontenelle; dei-lhe bastante tempo para isso.

Luiz XV passando pelos granadeiros de sua guarda, disse ao embaixador de Inglaterra, que o acompanhava :

— Esta é a gente mais intrepida do meu reino. Não ha um alli que não esteja coberto de feridas.

O lord respondeu :

— E o que dirá V. M. dos outros que os feriram?

— Esses morreram! bradou um dos granadeiros.

O principe de Metternich mandou pedir um dia um autographo a Jules Janin. Este pega na pena e escreve na pagina do album que lhe apresentaram: «Vale cincuenta garrafas de Johannisberg.»

Dizem que o principe satisfez a esta lembraça espirituosa.

Tinha-se acabado a representação da tragedia *Les Illinois*. Ao sahir do theatro o autor encontra com Lemierre que trazia o lenço na cara, e disse-lhe :

— Então, chorou?

— Nada; sucí.